

#### 4. A abordagem construcionista da gramática

Sem a pretensão de recuperar a arqueologia do movimento teórico que resultou na Gramática das Construções ou na Abordagem Construcionista da Gramática, este capítulo tem por objetivo destacar os pontos constitutivos do programa construcionista importantes para o tema desta pesquisa, e segue, em linhas gerais, a cartografia desenhada por Salomão na obra *Construções do Português do Brasil – da gramática ao discurso* (2009), em que a autora subscreve os dois capítulos iniciais, “Teorias Gerais da linguagem”, e “Tudo certo como dois e dois são cinco”. Faz uso, ainda, de relevantes informações, sínteses e reflexões da autora em (a) texto síntese de abertura da IV Conferência Linguística e Cognição, intitulado “Gramática das Construções baseada no uso” (2007) e (b) “Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico” (2002). Debruça-se, também, sobre algumas obras seminais deste quadro teórico, tendencialmente alinhadas ao “grupo” liderado por Adele Goldberg, fortemente interessado nas questões do uso, e que reúne obras de Ray Jackendoff, (2002), William Croft (1999, 2001) e Michael Tomasello (2003), cujas ideias centrais serão aqui exploradas.

A ideia de uma Gramática das Construções ou de uma Abordagem Construcionista da Gramática germinou a partir de um inconformismo com o tratamento periférico dado pelo programa gerativo chomskiano desde seus primórdios<sup>18</sup> aos idiomatismos, às formações excepcionais ou incalculáveis pelas regras sintáticas de geração sentencial ou pelas regras da composicionalidade semântica nos moldes fregeanos, e que, conforme ilustra Fillmore no reverenciado artigo intitulado “Innocence: a second idealization for linguistics” (1979), “são impenetráveis à lógica composicional do modelo gerativo, e parecem proceder diretamente da memória” (Salomão, 2004: 17), apresentam-se em bloco, como uma *configuração construcional*. Salomão (2002) observa que há, simultaneamente à publicação do artigo de Fillmore (1979), a publicação de

---

<sup>18</sup> À época dessa reação ao tratamento dado aos idiomatismos dominava o cenário linguístico o programa gerativo deflagrado pelas obras seminais de Chomsky: *Syntactic Structures* 1957, *Aspects of the theory of syntax* 1965, *Reflections on Language* 1975).

*Linguistics gestalts*, pedra fundamental da construção do paradigma cognitivista, que apresenta a intuição originária, e contribuição central para o modelo construcionista, da compreensão dos *idiomas sintáticos* como Construções Gramaticais. Reproduzo abaixo a narrativa de Salomão (2002):

(...) **Linguistics Gestalts**, semente do subsequente **paradigma cognitivista** na linguística. Neste texto ancestral, Lakoff sugere que o caso das expressões idiomáticas é apenas uma potencialização da situação dos padrões linguísticos lexicalmente abertos, mas cuja configuração (como **construção passiva**, ou **causativa** ou **existencial**) já contribuiria semanticamente para a interpretação da sentença. Sugere, ainda [nessa mesma obra], pioneiramente, a indistinção, em contínuo, da usual dicotomia léxico/sintaxe. Antecipa, deste modo, a grande virada intelectual que se produziria nas décadas seguintes, quando os idiomatismos deslizam da periferia para o centro da cena teórica e quando se deixa de pensar a gramática em termos de geração de sequências simbólicas para pensá-la em termos de um repertório de construções **vinculadas radialmente por relações de herança**. (p. 67)

Plantada essa semente, a década seguinte irá propor, especialmente com as obras de Lakoff (1987), *Women fire and dangerous things*, e com os estudos de Fillmore e Kay (1988) acerca de fórmulas situacionais que são também *idiomas sintáticos*<sup>19</sup>, uma virada nos estudos da Gramática. Invertendo a direção da mirada, as análises partirão das Construções linguísticas, que tomam o lugar dos átomos linguísticos da hipótese composicional estrita assumida pelo modelo do cálculo gerativo, e que passam a ser, no lugar do item lexical, da palavra, do morfema, as unidades por excelência da análise gramatical.

Em torno dessa nova agenda investigativa Salomão identifica três principais tendências no empreendimento construcionista: (i) o grupo “unificacionista” adeptos das postulações teóricas de Fillmore e Kay; (ii) o grupo liderado por Adele Goldberg, ao qual sintonizam-se a revisão radical da gramática das construções feita por Croft (2001), em *Radical Construction Grammar*, a revisão do sintatocentrismo gerativista feita por Jackendoff (2002), e os dados e algumas postulações de estudos de aquisição da linguagem, do antropólogo Tomasello (2003); (iii) o grupo da “Gramática das Construções Corporificada” “engajado em construir uma formulação da Gramática que seja

<sup>19</sup> Tais casos são identificados no Português do Brasil por Salomão como aqueles que acomodariam expressões do PB do tipo *Idiota é você*, nas quais a inversão Predicado-Sujeito está vinculada a uma circunstância comunicativa de réplica.

computacionalmente implementável e neurobiologicamente realística”, e do qual este estudo naturalmente distancia-se em função do elevado teor de ambição explicativa mentalista ali implicado. (cf. Salomão 2009: 71, 72)

O movimento mais articulado internamente e que fundamenta a noção de Construção como um primitivo da análise linguística, entre outras importantes postulações teórico-analíticas, é fruto da obra de uma aluna de George Lakoff, Adele Goldberg, que estuda as Construções de Estrutura Argumental, tema de sua tese doutoral, publicada sob o título *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (1995). À obra citada, acrescento, como principais fontes dos pressupostos da Abordagem Construcionista da Gramática, e que subsidiam a presente pesquisa, a segunda grande obra de Goldberg (2006), *Constructions at work*, o artigo de Croft (1999) “*Some contributions of typology to cognitive linguistics and vice versa*”, e também *Radical Construction Grammar* (Croft, 2001), bem como o acolhimento dado pelo gerativista Jackendoff ao conceito de Construção na revisão e reformulação da gramática feita pelo linguista em importante obra, *Foundations of language* (2002), e, por fim, a importante obra de Tomasello (2003), *Constructing a Grammar: a usage based theory of language acquisitions..*

#### 4.1.

#### **A metalinguagem para a unidade linguística na Abordagem Construcionista da Gramática**

Antes de seguirmos para o levantamento dos pontos da proposta Construcionista, nos termos de Goldberg, Croft, e também, Tomasello e Jackendoff, julgamos relevantes para este trabalho retornar às obras de Lakoff (1987), e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), para capturar na base o que distingue este movimento teórico das demais abordagens contemporâneas do fenômeno linguístico, e, assim precisar as origens da noção e do termo metalinguístico *construção* como unidade das línguas.

#### 4.1.1. A noção de Construção em seus termos iniciais

Em *Women, fire and dangerous things – what categories reveal about the mind*, Lakoff propõe explicitamente com o “Estudo de caso 3”, o estudo da família<sup>20</sup> “there constructions”, uma alternativa às teorias gramaticais tradicionais. Lakoff apresenta o estudo como aquele que demonstrará: (a) que construções são pareamentos de forma e sentido, (b) que o aspecto estrutural do sentido é passível de descrição por meio do uso de modelos cognitivos, e (c) que as construções gramaticais formam categorias estruturadas radialmente (p. 378). Com esse estudo de caso Lakoff, além de demonstrar a aplicabilidade de proposições cognitivas como as de prototipia, radialidade e centralidade em análises linguísticas e explicações sobre o significado, introduz como um dos fatores distintivos e que marcam a superioridade de uma gramática cognitiva, o fato de que as demais metalinguagens não têm uma explicação adequada do que seja uma *Construção Gramatical – pareamentos da forma com parâmetros do sentido* –, e que tais pareamentos não são epifenômenos aos quais se deve reservar um tratamento periférico, marginal, mas elementos legítimos das gramáticas das línguas e que possuem um status cognitivo.

Destaca, ainda, a distintividade dessa visão da gramática no que diz respeito à relação entre léxico e gramática – vista tradicionalmente como estanque, a gramática fornecendo a estrutura e o léxico as palavras e seus significados que serão conectados às estruturas gramaticais –, em uma gramática cognitiva verifica-se que essa divisão é problemática e favorece-se, em detrimento da separação, uma relação de continuidade entre léxico e gramática. (p. 464). Sobre essa visão unificada de léxico e gramática cabe aqui citar Langacker, um dos principais defensores e fundadores desta perspectiva unificacionista:

---

<sup>20</sup> O uso deste vocábulo, família, para compreender o grupo de construções relacionadas, evoca de imediato a proposição wittgensteiniana de abordagem dos fenômenos linguísticos como herdeiros de traços que os unem como aqueles que identificam elementos de uma mesma família, traços que evocam *semelhança de família*. No início da obra *Women, fire and dangerous things*, Lakoff paga seu tributo a essa ideia wittgensteiniana ao reconhecê-la e listá-la em *pole position* no início do capítulo 2, “From Wittgenstein to Rosch”, onde ele lança as bases de sua teoria sobre a natureza da categorização humana.

Na maioria das áreas da ciência, unificação conceitual e redução da diversidade fenomenológica é algo considerado desejável. (...) a gramática cognitiva atinge uma notável unificação e redução. Para realizar sua função semiológica, uma língua deve comportar pelo menos estruturas (conceptuais) semânticas, estruturas fonológicas e *links* simbólicos entre as duas. A gramática cognitiva preconiza que apenas esses elementos se fazem necessários. Pretende mostrar que léxico, morfologia, e sintaxe formam uma gradação plenamente descritíveis como configurações de estruturas simbólicas (pareamentos de forma e sentido). Atinge, assim, a unificação da gramática com o léxico e sua redução a relações simbólicas. (1999: 24)

Nessa obra Lakoff nos esclarece, ainda, em argumentação sobre as metalinguagens rivais, que os amálgamas sintáticos não podem ser tratados pela semântica ou pela teoria gerativa transformacional (p. 584). Para Lakoff, a semântica gerativa falhou por ter aplicado à linguagem uma forma lógica e uma concepção modular da gramática, pois as construções gramaticais não são totalmente previsíveis pelas regras gerativas. Por essa razão a Gramática Gerativa não conseguiu explicar fenômenos do tipo: efeitos de categorias de nível básico e prototipia na semântica, os fenômenos da semântica de enquadres de Fillmore (1982), os padrões metafóricos e metonímicos tratados por Lakoff e Johnson (1980), fenômenos de espaços mentais tratados por Fauconnier et al (1994, 1997, 2002), a inconsistência na teoria do significado apontada por Putnam (cf. pp. 584, 585). Segundo, ainda, reflexão de Lakoff, a aparência de fracasso teórico e analítico foi evitada por linguistas de adesão gerativista, adotando-se a estratégia de ignorar os fenômenos que eles não podiam tratar. Concluindo, dir-se-ia, que “felizmente um número significativo de linguistas prestou atenção a esses fenômenos e o resultado foi a linguística cognitiva.” (Lakoff, 1987: 585).

Situado ainda em um período dos estudos linguísticos marcado pela hegemonia da abordagem gerativa da gramática (nos termos de Chomsky), o artigo sobre as construções do inglês com a expressão “*let alone*”, intitulado “Regularity and idiomacity in Grammatical Constructions: the case of *let alone*”, de Fillmore, Kay e O’Connor (1988) abraça perspectiva semelhante à esboçada por Lakoff (1987). Os textos de Fillmore et al (1988) e de Lakoff (1987), podem ser vistos, respectivamente, como desdobramentos do impulso inicial dados pelos linguistas em “The case for case reopened” (Fillmore, 1968) e “Linguistic Gestalts” (Lakoff, 1977). A proposta de abordagem do fenômeno das línguas humanas como um “conjunto de construções” é verticalizada no artigo de Fillmore, Kay e O’Connor (1988). Os autores iniciam o texto anunciando que a

abordagem que irão defender é distinta em diferentes maneiras da abordagem dominante à época. A diferença marcante e prontamente anunciada é que as unidades das gramáticas assemelham-se muito mais à noção de construção adotada pelas gramáticas tradicionais e pedagógicas, do que a noção que é regularmente praticada pela maioria das versões da gramática gerativa. Isso posto, os linguistas partem para a descrição dessa nova unidade e dessa nova abordagem gramatical. Assim descrevem a novidade:

As construções em nossa visada parecem muito mais com as pequenas subárvores [da árvore estrutural] que contêm uma célula familiar (mãe e filhas), formadas pelas regras sintagmáticas, com exceção dos seguintes fatos: (1) as construções não precisam estar limitadas a uma mãe e suas filhas, mas podem abarcar áreas maiores da árvore sentencial; (2) as construções devem especificar, não apenas informação sintática, mas também lexical, semântica e pragmática; (3) os itens lexicais, mencionáveis nas construções sintáticas, devem ser eles próprios vistos, em muitos casos, como construções; e (4) as construções podem ser idiomáticas: uma grande construção pode especificar uma semântica (e/ou pragmática) distinta daquela calculada a partir da semântica computada do conjunto de construções menores que compõem o mesmo objeto morfossintático. (Language, v. 64, nr. 3, p. 501)

A noção de construção gramatical remanescente dos estudos da gramática tradicional e exilada dos estudos gerativistas, desde as primeiras revisões do *Standard Model*, ainda no início dos anos setenta (cf. Salomão, 2009a) começa decisiva e dissidentemente a frequentar o centro do debate e das pesquisas linguísticas de um grupo que liderado inicialmente por Lakoff e Fillmore, encontra na análise persuasiva e bem divulgada de Goldberg (1995), uma unidade e consistência programática que sensibilizará tipologistas (Croft 2001) e até gerativistas menos ortodoxos como Jackendoff (2002) e Culicover e Jackendoff (2005).

#### **4.1.2. Uma década mais tarde...**

Uma década depois dos importantes lançamentos de Lakoff 1987 e Fillmore et al (1988), Goldberg defende sua tese de doutorado sobre as

Construções de Estrutura Argumental e publica-a (1995) sob o título *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Nessa obra o foco primário de Goldberg foi lançar os argumentos para a adoção de uma abordagem construcionista para a estrutura argumental e proceder à análise de várias construções de estrutura argumental. Goldberg estabelece, com rigor e precisão, a vantagem de se adotar a noção de *construção* como um primitivo para a análise linguística. É importante salientar que dentre as diferentes versões da GC a versão de Goldberg (1995) é aquela que mais acabadamente se apropria das teses cognitivas lançadas em Lakoff (1987) sobre as relações de prototipia e radialidade que enlaçam a construções em redes motivadas hierárquica e polissemicamente. Nessa obra Goldberg define as Construções como um par forma/sentido cujo significado não será estritamente computado a partir de significados isolados dos elementos da Forma ou do Sentido que as integram, e estabelece, categoricamente, as Construções como as unidades básicas da linguagem (p. 4). Demonstra com as análises das construções de estrutura argumental, de forma produtiva, a continuidade entre léxico e sintaxe. Demonstrando, ainda, – ponto relevante para este estudo –, que embora difiram nas suas constituições internas, ambas as construções, lexicais e sintáticas, são essencialmente o mesmo tipo de dado: pareamentos de forma e sentido.

#### **4.1.3. Obras seminais da Abordagem Construcionista**

Na introdução à sua obra posterior, *Constructions at work – The nature of generalization in language* (2006), Goldberg se encarrega de definir e precisar, de início, o que se deve entender pelo rótulo *construcionista*. Explica que a motivação primária para o termo é o fato de que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das construções gramaticais: pareamentos convencionalizados de forma e função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões preenchidos parcialmente pelo léxico e padrões frasais mais gerais (p.5). Além desse fato, tais abordagens geralmente enfatizam

que **as línguas são aprendidas – que elas são CONSTRUÍDAS**, tendo por base a exposição a inputs combinados a restrições cognitivas, pragmáticas e processuais. A autora informa que nessa obra investiga-se a natureza da generalização na linguagem, e reflete-se sobre como e porque as construções podem ser aprendidas, e como generalizações entre as línguas e internas às línguas podem ser explicadas.

Outro ponto importante explorado por Goldberg são os preceitos que as abordagens construcionistas dividem com a abordagem gerativa nos termos das ideias fundadoras de Chomsky (1957, 1965, 1981). A linguista informa-nos que ambas as abordagens concordam – aqui distanciando-se de nós – que é essencial considerar a linguagem como um sistema (mental) cognitivo; ambas entendem que deve haver uma forma de combinar estruturas para criar novos enunciados, e ambas reconhecem que uma teoria não-trivial da linguagem se faz necessária.

Por outro lado, Goldberg argumenta que as abordagens construcionistas contrastam fortemente com a abordagem gerativa. Os seguintes pressupostos e metodologia assumidos pela teoria gerativa são sublinhados por Goldberg como pontos de afastamento: (i) a natureza da linguagem pode ser melhor revelada através do estudo de estruturas formais independentemente de suas funções semânticas ou discursivas; (ii) níveis cada vez mais altos de abstrações são necessários para caracterizar as representações formais; (iii) o significado deriva do dicionário mental de palavras; (iv) padrões semi-regulares e incomuns são geralmente vistos como periféricos, com uma pequena faixa de dados consideradas relevantes para a “core language”. (cf. Parte I, “Construções”).

Destaca, ainda, que, diferentemente da corrente principal da gramática gerativa, abordagens construcionistas tendem a enfatizar a semântica detalhada e a distribuição de certas palavras, morfemas gramaticais, e padrões incomuns de frases comparadas com outras línguas ou dentro de sua própria língua. A hipótese por trás da metodologia é a de que uma explicação das restrições semânticas/pragmáticas desses padrões prontamente são estendidas a padrões mais gerais, simples e regulares. É relevante também observar que Goldberg, acerca da tensão entre explicações de cunho generalistas ou reducionistas, afirma que a Abordagem Construcionista parte do princípio de que a linguagem contém tanto grandes generalizações, como fatos idiossincráticos, e, por essa razão, as análises feitas sob o prisma da AC cobrem tanto explicações de padrões mais

gerais, como de tipos mais restritos, mais específicos de enunciados linguísticos. Esse tipo de abordagem do fenômeno da linguagem só é possível porque nessa perspectiva é dado status central às questões do USO linguístico, fato que diferencia significativamente a metalinguagem Construcionista da Gerativa e que aproxima significativamente, embora não sem alguns descompassos, a AC da perspectiva wittgensteiniana da linguagem que endossamos. (cf. p. 45)

Outro ponto distintivo da AC é a relevância dada ao efeito da *frequência de uso* para o fenômeno da aquisição da linguagem – dimensão não contemplada nos estudos da aquisição no enquadre gerativista, e que, naquilo que concerne a uma visão da linguagem como forma de vida, encurta consideravelmente a distância no terreno entre as perspectivas wittgensteiniana e Construcionista da Gramática. Em Goldberg 2006, são relatados dados de pesquisas e descobertas que demonstram a habilidade das crianças para extrair regularidades dos estímulos linguísticos a que são expostas especialmente pela expressiva influência da fala das mães. Segundo estudos de Saffran, Aslin e Newport 1996, reportados por Goldberg, observa-se, por exemplo, que as crianças são capazes de extrair as palavras do fluxo da fala com base em probabilidades transicionais entre as sílabas (por exemplo, a frase *bananas with Milk* contém quatro possibilidades de transição entre as sílabas – de *ba* para *na*; *na* para *nas*; *nas* to *with*; e de *with* to *milk*). Essa probabilidade funciona da seguinte forma: a probabilidade de que *ba* será seguido de *na*, e de que *(ba)na* será seguido de *nas*, é maior do que a de que *nas* será seguido de *with*, o que significa que as possibilidades de transição são geralmente maiores dentro das palavras do que entre palavras, o que explicaria, desse ponto de vista, a descoberta das fronteiras entre palavras. A criança exposta frequentemente à linguagem será também capaz de descobrir regularidades entre categorias de palavras da mesma forma como é capaz de descobrir regularidades estatísticas em padrões sonoros. Ela logo aprenderá que a presença de um artigo (*o*, *um* etc) anuncia um substantivo; tipos de pistas como essas guiam os aprendizes à identificação de fronteiras sintagmáticas. O estudo da aquisição de padrões construcionais buscou mostrar que as construções são aprendidas, e tornar evidente que, se elas fossem simplesmente parte de um dispositivo plantado na mente (parte da Gramática Universal postulada no gerativismo), não haveria justificativa para o fato de sua aquisição demandar um tempo longo, e que é percorrido de forma tão gradual, como demonstram estudos diversos,

especialmente os de Tomasello cujas contribuições para este estudo veremos em seguida.

O fato é que o relato de Goldberg nos indica no mínimo que o nível da frequência de ocorrência de um verbo, por exemplo, irá também refletir no nível de frequência de uso de construções com aquele verbo. O verbo *GO*, por exemplo, responde por 39 por cento dos usos das construções intransitivas de movimento causado na fala das mães com seus bebês de 28 meses, conforme atesta o corpus de Bates et al (1988). Outros verbos com alta frequência de uso pelas mães são *put* e *give*, normalmente usados em construções do tipo que requerem prototipicamente *give and put*, (construções ditransitivas) e que naturalmente se refletirão, juntamente com aquelas com verbo *go*, como as primeiras a surgirem na fala das crianças. Goldberg relata, ainda, que a explicação para essas construções serem normalmente as mais frequentes e as primeiras na aquisição deve-se ao fato de elas expressarem cenas experienciais básicas e concretas do cotidiano, por exemplo: alguém fazendo com que outra pessoa receba algo (*give*), alguma coisa fazendo outra se mover (*put*), ou algo se movendo (*go*). Significados que são prontamente acessíveis às crianças porque envolvem ações concretas de suas experiências e usos diários. O fato de que os significados dos verbos têm que ser acessíveis e altamente frequentes nos inputs dados às crianças permite-nos flagrar aqui um parentesco com o entrelaçamento constitutivo entre linguagem e as formas de vida de que participa.

É curioso notar, no entanto, que, embora Goldberg (2006: 5) tenha apontado como um dos pontos de afastamento entre abordagens construcionistas e abordagens gerativas, a postulação pelo programa chomskiano de ideias inatistas para a aquisição da linguagem, a linguista, na segunda parte da obra, dedicada a “Generalizações sobre a aprendizagem”, em seção intitulada “Learning word segmentation, phrase boundaries, grammatical categories” (seção 4.1), manifeste sua dificuldade e perplexidade diante do fato *sem explicação, questão de sorte* (“a lucky thing”), que é a aprendizagem das palavras, frases, relações gramaticais, da linguagem, enfim.

Já havíamos destacado esse estranhamento da linguista em capítulo anterior deste estudo, onde compilamos a retórica confessional de estudiosos da linguagem de diversos matizes em torno da dificuldade de identificação e reconhecimento das unidades das línguas. Voltamos a esse ponto aqui para

chamar a atenção para o que nos parece uma ambiguidade entre essa reação, aqui novamente destacada para facilidade da leitura,

(...) é, de fato, *uma questão de sorte* que as crianças possam aprender aspectos iniciais da linguagem a partir traços estatísticos dos *inputs* que recebem, uma vez que **não há pistas formais estáveis que permitam a identificação do que sejam palavras, categorias gramaticais ou relacionais nas línguas.** (grifo nosso)

e as informações e postulações da própria linguista sobre o modo de aquisição da linguagem nos termos da Abordagem Construcionista da Gramática em que afirma:

O termo Construcionista pretende indicar duas associações. A motivação primária para o termo é que abordagens construcionistas enfatizam o papel das CONSTRUÇÕES gramaticais: pareamentos convencionalizados de forma e função. Além disso, abordagens construcionistas geralmente enfatizam que as línguas são aprendidas – que elas são CONSTRUÍDAS a partir dos inputs associados à restrições de ordem cognitiva, pragmática e processual. (2006: 3)

passagem reforçada ainda pela seguinte postulação:

TODOS OS NÍVEIS DA ANÁLISE GRAMATICAL ENVOLVEM CONSTRUÇÕES: PAREAMENTOS DE FORMA COM FUNÇÃO SEMÂNTICA OU PRAGMÁTICA QUE SÃO APRENDIDOS, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos. (2006: 5)

Aqui o problema da palavra como unidade linguística, seu reconhecimento e delimitação é apontado, ressurge como um reflexo reprimido de uma adesão ainda persistente à teoria imanentista da linguagem, que deixa emergir, devolve à tona, o *mistério* da palavra.

Afinados à questão de uma abordagem da linguagem na qual o *uso* tem lugar constitutivo, lembramos o estudo e os relevantes dados de Tomasello (especialmente, 2003) sobre a aquisição e a emergência da linguagem pelo uso. Tomasello afirma que a hipótese de uma gramática universal, do inatismo, a visão e proposição de que a espécie humana acabou por desenvolver uma faculdade mental transferível geneticamente que consiste na Gramática Universal, coloca imediatamente dois grandes problemas para o fenômeno da aquisição de linguagem para os quais até hoje não foram apresentadas soluções: (i) o problema

da diversidade linguística – como a criança consegue relacionar os itens de seu módulo gramatical universal às particularidades da língua que está aprendendo?; e (ii) o problema da continuidade – como podemos entender a natureza do progresso da linguagem das crianças no seu desenvolvimento se a gramática universal é sempre a mesma? (p. 7). É importante sublinhar, de acordo com Tomasello, que se tomamos a perspectiva da linguagem baseada no *uso*, problemas como esses simplesmente deixam de existir. Porque, afinal, de acordo com Tomasello a tão decantada pobreza de estímulo é consistentemente contestada pelos resultados das pesquisas (psicológicas, antropológicas e linguísticas) sobre a aquisição da linguagem. O que ocorre, na realidade, seguindo Nancy Chang (2005, apud Salomão, 2009: 65) é uma verdadeira “opulência de estímulos”:

(...) [esta opulência de estímulos] transparece na diversidade dos comportamentos comunicativos da criança: reconhecer faces distintas, sorrir, gesticular, atender a comandos, recusar, saber como seu próprio corpo e outras coisas no mundo se movimentam, se equilibram ou caem, somem e reaparecem.

Sobre essa dimensão da aprendizagem conclui Salomão: “o que a criança, de fato, está aprendendo [de forma indissociável da linguagem] é como agir em sociedade, como lidar com a rede social na qual está inserida.” (2009: 65). Nada mais wittgensteiniano, diga-se de passagem.

Ainda sobre a proposta gerativa de universais linguísticos gramaticais, Tomasello observa que tal proposta exclui a dimensão simbólica da comunicação linguística humana, deixando à sombra, também, o fato de que é preciso reconhecer que o que temos são universais da cognição, da comunicação, da fisiologia humana. Nesses termos, entende-se que é em decorrência desses universais que seres humanos de diferentes culturas, história e etnia desenvolvem as mesmas ferramentas básicas para cumprir tarefas comunicativas – símbolos, marcadores desses símbolos, padrões de linearização, padrões prosódicos e processos recorrentes de gramaticalização. (Tomasello 2003: 18 – 19).

A alternativa de uma proposta de explicação da aquisição e da *construção* da linguagem totalmente baseada no uso ancora-se na aposta de que a gramaticalização das unidades e estruturas linguísticas é um processo essencialmente histórico e cultural, não um processo biológico (p. 13), salienta

Tomasello. Dessa forma, podemos conceber que as estruturas linguísticas, as construções de uma dada língua não são súbita e misteriosamente inventadas; ao contrário elas emergem, desenvolvem-se e acumulam mudanças ao longo da história, enquanto as usamos uns com os outros e as adaptamos às circunstâncias de seu uso.

#### **4.1.4. Radicalizando a Abordagem Construcionista**

Os estudos e descobertas do tipologista e linguista cognitivo William Croft (1999, 2001) apoiados sobre a análise detalhada de diferentes línguas do mundo, indicam, acerca dos universais linguísticos, que há muito poucas categorias gramaticais específicas potencialmente presentes em todas as línguas.

Croft, no artigo “Some contributions of typology to cognitive linguistics (and vice versa)” (1999), esforçando-se para explicar sua dupla identidade (tipologista e linguista cognitivo) instrui-nos a respeito da forma de pensar de um tipologista e de um linguista cognitivo. Comentaremos aquelas que apelam diretamente ao nosso interesse mais amplo: uma maneira de se pensar sobre as questões da linguagem tendo por base a dimensão do uso implícita na visão wittgensteiniana da linguagem como forma de vida, bem como as implicações dessa dimensão na constitutividade da forma linguística.

A primeira forma de pensar, de ver a linguagem que é típica de um tipologista, é aquela que coloca no centro de qualquer premissa teórica ou analítica o fato irrefutável da *variação e da arbitrariedade* da/na linguagem. Um tipologista deve se esforçar para tornar os universais de sua língua explicáveis, quer seja em termos cognitivos ou funcionais, mas tem que aceitar o fato de que:

do outro lado do oceano as coisas são um tanto diferentes, e ainda, tem que estar ciente daquela diferença linguística interna, da variação um pouco ao sul do

território – o que irá sempre lembrar ao tipologista a futilidade da visão de Leibniz<sup>21</sup>. (p. 62)

Outra forma de pensar destacada por Croft como típica de um tipologista é aquela que parte do princípio de que todas as coisas na gramática podem mudar e que as explicações para as mudanças devem partir da aceitação da arbitrariedade (o que é arbitrário, não é ditado por princípios gerais, pode mudar) e do aspecto dinâmico das línguas. Os universais devem, para ele, ser buscados entre as línguas, a generalização pode apenas decorrer do exame de uma grande variedade de línguas. Deve-se estar atento para o fato de que mesmo uma formulação cuidadosa de universais absolutos tal como o universal Nome/Verbo acaba por revelar que tais *universais absolutos* são padrões sistemáticos de variação entre as línguas, o que, para o autor, significa dizer que seguem uma relação de prototipia. Todos que fazem tipologia aprendem logo que não há um único universal tipológico sincrônico sem exceções.

Sobre a aproximação de um tipologista com um linguista cognitivo o que se depreende do texto de Croft é que o *casamento* se dá a partir da adoção pelo tipologista da noção de *construção*, conforme disseminada pelos princípios do enquadre teórico da linguística cognitiva. Segundo relata o autor a linguística cognitiva fez contribuições importantes ao pensamento tipológico, especialmente a partir da proposição da Gramática das Construções.

Croft reconhece que há algumas variações naquilo que se convencionou chamar de “gramática das construções”, mas que é possível identificar alguns princípios gerais que todas as abordagens das construções feitas pela linguística cognitiva parecem ter em comum, e que seguem resumidos abaixo:

- (i) As construções são entidades gramaticais independentes; elas existem na mente como conjuntos integrados que são maiores que a soma das suas categorias e relações constitutivas; esse é um princípio que deriva de um aspecto característico do pensamento cognitivista – a redundância na representação mental deve ser aceita.

---

<sup>21</sup> Provavelmente uma referência ao projeto leibziniano de purificação e aperfeiçoamento de uma língua natural e de construção a posteriori de uma língua universal, projeto que certamente tem por base sua adesão à proposição do inatismo de uma estrutura cognitiva da linguagem.

- (ii) As construções são unidades simbólicas; elas são complexos de forma e função. O que significa dizer que elas possuem uma morfologia distinta (tal como *the* em *the more, the better*, que é etimologicamente distinta da morfologia do artigo definido), sintaxe distinta (tal como os dois objetos na construção de objeto duplo), semântica distinta (tal como o complexo modelo escalar necessário para a [FRASE 1, *let alone* FRASE 2] construção descrita por Fillmore, Kay e O'Connor), e, possui, também, função pragmática distinta.
- (iii) Construções têm seu valor sociolinguístico próprio.
- (iv) Há vários graus de esquematicidade nas construções. Há um contínuo entre expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente, tal como *as american as apple pie*, e esquemas altamente abstratos tais como *SUJ V OBI OB2*. Todas as possibilidades podem ser encontradas entre esses dois esquemas.
- (v) Há também um contínuo entre *lexicon*, que os linguistas cognitivos concebem como a palavra (the one word), unidades simbólicas totalmente especificadas do nosso conhecimento linguístico, e a *gramática* no sentido tradicional, que são unidades simbólicas esquemáticas *multi-word*. Essa forma de pensar também é típica de um linguista cognitivo que é a forma cristalizada no slogan “everything is gradient” “tudo é gradual”.
- (vi) As construções são organizadas em uma rede de conhecimentos gramaticais na mente do indivíduo. A natureza precisa dessa rede é uma questão de opinião.<sup>22</sup> (1999: 66).

---

<sup>22</sup> Há entre as principais versões da GC três possíveis concepções de redes construcionais: (i) redes por herança completa (Fillmore e Kay); (ii) redes organizadas radialmente (Goldberg); e (iii) redes de Construções totalmente especificadas (Langacker). (cf Salomão 2009: 51)

Outro aspecto característico do pensamento cognitivista é o que o autor chama de “pensar verticalmente” enfocando unidades linguísticas como complexos de diferentes tipos de informação linguística que se associam, ao invés de “pensar horizontalmente, onde os diferentes tipos de informação linguística são separados em níveis (ou na mais famosa metáfora ocidental, em módulos)”. (1999: 65).

A sensibilidade de Croft à variação, arbitrariedade e especificidades das línguas leva-o a criar sua versão Radical da Gramática das Construções (doravante RGC). A obra do autor (2001), *Radical Construction Grammar – syntactic theory in typological perspective*, deixa-nos importante legado para se pensar a abordagem construcionista da gramática por um ângulo radicalmente tipológico no qual o estado normal da linguagem é o estado da variação. Os tipologistas incluíram, inclusive, a variação diacrônica no escopo de suas pesquisas, como ocorre na clássica teoria da gramaticalização de Hopper e Traugott (1993). A RGC oferece uma forma de integrar a variação sincrônica interna das línguas ao pensamento tipológico. A sua ambição é explicar não apenas a diversidade sintática de uma língua, mas das línguas do mundo. (Croft, 2001: 5 – 7)

O fato de que um tipologista aceita inteiramente que tudo nas línguas passa, que a linguagem é fundamentalmente dinâmica no sentido micro – do uso da linguagem –, e no sentido macro das mudanças gramaticais feitas por gerações ao longo de muitos anos, leva-o a conceber os estados sincrônicos como *flashes* de um processo dinâmico que “emerge naturalmente do uso” da linguagem na interação conversacional. (Croft, 2001: 8)

Croft afirma que todo tipologista irá aprender, rapidamente, o fato de que não há universais tipológicos universais sincrônicos sem exceção, uma vez que um tipologista não vê apenas os melhores exemplos, mas, também, a elevada frequência de distribuições probabilísticas e de desvios.

Em termos metalinguísticos, Croft, (2001), assume explicitamente que essa teoria gramatical não oferece um vocabulário formal para representar a estrutura sintática, uma vez que este tipo de vocabulário é, também, específico para cada língua. Não há nesta teoria a necessidade de se aprender uma linguagem técnica complexa para descrever uma língua humana complexa.

A abordagem de Croft (2001), assim como a de (sócio)cognitivistas como Goldberg e Salomão, parece inverter de uma vez por todas a visão tradicional da composicionalidade do significado linguístico. Na visão de Croft, as construções são os primitivos da análise linguística, as categorias lexicais e sintáticas são definidas a partir das construções.

Na visão tradicional expressões complexas eram arranjadas composicionalmente por meio de regras sintáticas que operavam sobre os itens selecionados do léxico. Na revisão da GC proposta por Croft, o linguista sustenta que essa teoria gramatical representa uma concentrada reação ao modelo componencial<sup>23</sup> da organização da gramática encontrado em outras teorias sintáticas. No modelo componencial, tipos diferentes de propriedades e enunciados – sua estrutura sonora, sua sintaxe e significado – são representados em componentes separados, cada um deles consiste de regras operando sobre elementos primitivos de tipos relevantes (fonemas, unidades sintáticas, unidades semânticas). No modelo componencial os únicos construtos contendo informações que atravessam diferentes componentes são as *palavras*, que representam associações convencionais de forma fonológica, categoria sintática, e significado.

A revisão radical de Croft sobre a proposição de universais linguísticos, acompanhada, por exemplo, pelos estudos de Tomasello (2003) e Levinson (2003) reflete, segundo síntese de Salomão (2004), sua “opção irrestrita pela diversidade como pendor epistemológico”, o que irá levar-nos a “focar a forma linguística como configuração antes que como composição fregeana de elementos independentes”. (cf. Croft 2001: 47 – 62, apud Salomão 2004: 12).

#### 4.1.4.1.

#### **Prototipia e composicionalidade nos termos radicais de Croft**

A linguística cognitiva adaptou da teoria de protótipos de Eleanor Rosch a categoria linguística de prototipia. Essa categoria, para os cognitivistas, acomoda de forma especialmente apta a nossa forma de interação com o mundo, e a nossa

---

<sup>23</sup> Com o termo “componencial” Croft refere-se ao tipo de análise da abordagem gerativa da gramática.

forma cognitiva de percebê-lo gestalticamente, privilegiando e sobrepondo às partes a perspectiva do todo. Nessa forma de percepção, elegemos, tácita e tipicamente para uma categoria um membro prototípico, que será, nos termos da psicologia cognitiva de Eleanor Rosch, aquele que onera menos a nossa faculdade cognitiva, que responde prontamente à nossa vocação para percepção gestáltica do mundo, e que é mais frequente, mais central, e com o qual os demais estabelecem, radialmente, relações de “semelhanças de família” – o que significa que os membros de uma categoria podem estar relacionados sem que todos os membros possuam um conjunto de propriedades em comum, como nos termos da categoria aristotélica clássica. Nessa visão não há um elenco de propriedades necessárias e suficientes mas, uma cadeia de similaridades. (cf. Lakoff 1987).

As noções de prototipia e composicionalidade aplicadas por Croft aos estudos da tipologia das línguas abrem-nos outras possibilidades de aproximação entre as abordagens construcionistas e wittgensteiniana, permitindo-nos repensar a questão do reconhecimento de se pensar a linguagem, em especial a questão do reconhecimento da palavra como unidade das línguas.

Tanto em Croft 2001, quanto no livro *Cognitive linguistics* (Croft e Cruse, 2004) há a discussão sobre a possível ausência em algumas línguas do que convencionalmente chamamos de *partes do discurso*. Croft propõe que Nomes, Verbos e Adjetivos não são categorias presentes em algumas línguas particulares, mas que, por outro lado, uma vez aplicado o conceito cognitivo da teoria dos protótipos à linguagem, verifica-se que essas partes do discurso constituem bons candidatos a universais da linguagem<sup>24</sup>, considerando-se que há protótipos tipológicos, (confirmados em inúmeras pesquisas dessa natureza) que podem ser chamados de Nome, Verbo e Adjetivo. (2001: 66). A explicação para esse efeito de prototipia estaria nas funções pragmáticas da comunicação linguística, ou, como descreveu Searle (1969: 23; 24) e também o próprio Croft (1999b apud Croft 2001: 59) nos “atos proposicionais” de referenciar, predicar e modificar que são, em geral funções pragmáticas, e, como vimos (Taylor 2000), fazem parte da

---

<sup>24</sup> Croft estipula no capítulo 1, *Syntactic argumentation and Radical Construction Grammar*, seção 1.2 *Methodology and Theory in Syntax*, que não se deve descartar, em tese, a ideia de universais linguísticos. O problema é que o termo “Gramática Universal” está associado à adesão que a teoria Gerativa faz ao inatismo na linguagem. A adesão que a AC, faz à uma universalidade na gramática é aquela que adota a uma ideia de GU despojada da necessidade de uma dotação genética para a estrutura gramatical da linguagem. Os universais são resultados das convenções culturais, pragmáticas e das possibilidades cognitivas da espécie humana.

natureza constitutivamente metalinguística, reflexiva da linguagem. O fato é que, a forma de expressão linguística desses *jogos de linguagem*, varia sensivelmente entre as línguas – são, em última instância, convenções específicas de cada língua. Croft, citando exemplos de estudos tipológicos de Hengeveld (1992), sinaliza, por exemplo, que o termo equivalente em Tongan, (da família de línguas da Polinésia, descrita por Hengeveld como extremamente flexível), à palavra inglesa *school* [N] pode ser usado naquela língua como um Verbo, porém não significa o mesmo que a palavra *ako* [V] ‘study’ naquela mesma língua. Por outro lado, a palavra inglesa equivalente à *ako* [V], *study* pode ser usada como Nome em inglês, mas não significará o mesmo que *ako* [N] ‘school’ em Tongan. (Croft, 2001: 71)

Sobre a questão da composicionalidade linguística podemos assegurar, seguindo Croft, que uma teoria não reducionista da gramática como a AC não nega que as construções (estruturas sintáticas) sejam feitas de partes. Essa abordagem gramatical, assim como teorias reducionistas, supõe que construções, ou mais precisamente, instanciações reais de construções (construções preenchidas por material fonológico), podem ser segmentadas em suas palavras e morfemas constituintes. O que difere uma teoria não reducionista de uma teoria reducionista<sup>25</sup> é que aquela propõe que o todo é maior que a soma das partes, e ainda, que as partes significam, são categorizadas, em função do papel que assumem no todo, na construção. As partes não têm existência fora da construção, ou das construções, das quais participam. Ou seja, as categorias sintáticas são definidas a partir das construções onde ocorrem. Uma gramática não reducionista, portanto, não tem construções esquemáticas atômicas (p. 48).

Chamar de *construção* o elemento primitivo da gramática, implica, de imediato, em uma visão mais dinâmica e processual dos componentes da

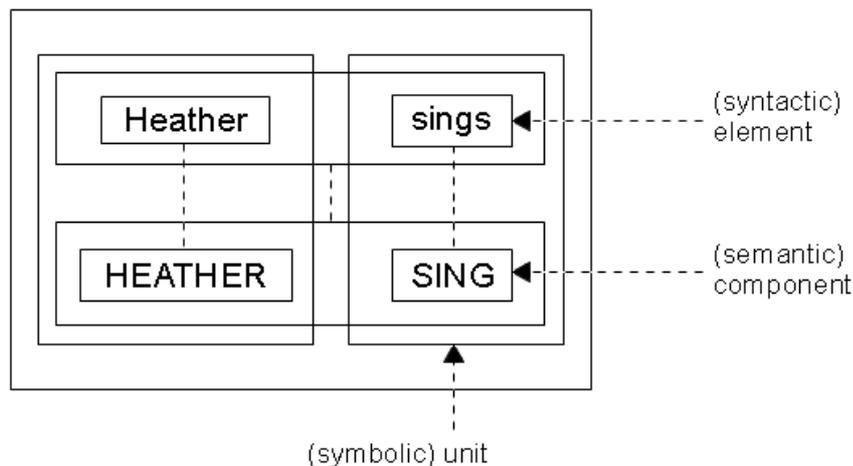
<sup>25</sup> O termo *reducionista* aqui utilizado tem parentesco com o reducionismo linguístico que Wittgenstein recusa. Nas *Investigações*, Wittgenstein sugere todo o tempo, como vimos, que tomemos uma imagem da linguagem que recuse, especialmente a visão de que sua função precípua pode ser reduzida à representação ou à sinalização de entidades autônomas (significados) que a governam, Wittgenstein constantemente encoraja-nos a tomar outro caminho, outro entendimento da linguagem, no qual a multiplicidade de usos das palavras, por exemplo, possa ser pensada como a multiplicidade de usos das ferramentas que compõem a caixa de ferramentas (IF§11), e a consequente multiplicidade de empregos e significações decorrentes que a palavra ferramenta, em seu significado categorial pode conceber. Martins (2000) discorrendo sobre essa expectativa que projetamos constantemente nas palavras, e na linguagem, que nos leva a esperar encontrar nelas a exatidão e a determinação do sentido, esclarece: “De acordo com Wittgenstein, portanto, quando tentarmos retirar uma palavra de seus contextos de uso e determinar, em termos absolutos, de que exatamente ela é um sucedâneo, seremos em geral confrontados com uma situação de resistência. Ao nos darmos conta disso, podemos ser levados a pensar, ou a ver, como talvez preferisse Wittgenstein – que a função da palavra talvez não seja primordialmente a representativa.” (p. 27)

linguagem, e evoca sem dúvida os termos destacados por Croft como centrais para se estudar e se pensar o fenômeno da linguagem – variação, arbitrariedade, dinamismo. E sublinha também o fato salientado por Godberg (2006) e Tomasello (2003) de que a linguagem é *aprendida*, construída, emerge pelo uso.

Essa denominação é também compatível com uma projeção metafórica feita pelo linguista que muito nos interessa neste estudo: a ideia de uma *anatomia* da construção. Croft anuncia essa *metáfora* na subseção 1.3.2, intitulada “Syntactic and semantic structure: *the anatomy of a construction*” (grifo nosso). Embora o linguista não invista na explicação dessa expressão, não nos dê pistas sobre as razões dessa escolha inusitada, acreditamos que os conteúdos desenvolvidos sob esse título falam em favor de uma imagem da linguagem na qual suas partes, partes do discurso (estruturas semântico-pragmática e sintática), não se encontram submersas em uma estrutura profunda, precisando de regras para alçá-las à superfície. Oferecem-se como se oferece a anatomia de nosso corpo, como os membros que compõem a fisiologia humana. Aprendemos sobre eles muitas coisas, antes de lermos nos livros, ou de ouvir um diagnóstico médico; essa aprendizagem se dá no seio de nossas práticas verbais e não verbais entrelaçadas, práticas que envolvem o que chamamos de mãos, braços, pernas, ao andar, levantar, sentar, escrever, segurar, dançar, abraçar etc. Aprendemos usando e observando o uso que deles fazemos e as trocas que eles nos permitem fazer na nossa interação diária com os outros e com o mundo. Essa proposição anatômica das partes do discurso, da linguagem, parece sugerir, como Wittgenstein, a seguinte direção: “não pense, mas veja” (§ 66; ver sobre isso 2001)

O *desenho* dos componentes, da *anatomia* da construção feito por Croft, especialmente, em sua obra subsequente, Croft & Cruse (2004), na seção 10.1.1, e, também 10.4, “Grammatical representation: the anatomy of a construction”, propõe uma grande simplificação da metalinguagem e da descrição das partes de uma Construção. Em sua descrição, categorias sintáticas, estruturais ou relacionais como SN, Sujeito, SV, Obj1, Obj2, papéis temáticos como Agente, Paciente, Locativo, simplesmente não comparecem. O que Croft estabelece, dentro da caixa maior que envolve toda a Construção, são caixas menores representando 2 estruturas, a estrutura sintática e a estrutura semântica, dentro da estrutura sintática ele postula a existência de *elementos*, enquanto na estrutura semântica há *componentes*. Cada elemento se une a sua contraparte semântica e forma uma

*Unidade*. Assim, a construção, um todo simbólico, é composta de partes que são as *unidades simbólicas*. Sua estrutura interna equivale à estrutura morfossintática das frases que a instanciam. É importante sublinhar que as caixas internas não recebem categorias sintáticas ou semânticas como costumamos encontrar, pois entende-se que a natureza dessas categorias é uma questão sobre a qual as diferentes teorias gramaticais divergem. Uma construção como a frase da língua inglesa *Heather sings*, teria a seguinte representação gráfica:



Quadro 1 - Representação gramatical da anatomia de uma construção

Será que Searle estava correto ao postular que a linguagem não precisa de um ato linguístico, performativo, para batizá-la, como a própria linguagem faz com as demais instituições? São os elementos da linguagem autoidentificáveis, como o filósofo propôs em *The construction of social reality*? (proposição que, como vimos, foi identificada por Taylor (2000), como uma versão da tese da Imanência na linguagem, e que passamos a denominar de *imanência de superfície*, cf. cap 2).

O que as proposições e pesquisas da Abordagem Construcionista da linguagem parecem nos mostrar é justamente o contrário: um intenso trabalho é desenvolvido na ontogênese, diante de uma opulência de estímulos sociais, linguísticos, fisiológicos, que gradualmente e durante alguns anos, no caso da aquisição da linguagem na primeira infância, edifica, *constrói a linguagem*. Trabalho esse que não cessa jamais, uma vez que os estímulos e as formas de vida estão em permanente variação, adaptação e mudança.

#### 4.1.5.

#### A revisão e reformulação do sintatocentrismo gerativo nos termos de Jackendoff

Para a história que mapeamos aqui, sobre a noção de construção e sobre a abordagem construcionista da gramática, deve ter ficado claro que há, em certa medida, uma disputa de terreno com outra forma de descrever a linguagem que é a abordagem gerativa. A presença de Jackendoff (2002) na economia deste capítulo tem o objetivo de mostrar que mesmo dentro da metalinguagem com a qual a AC rivaliza, a noção de construção ganha espaço a partir da revisão que o linguista faz do sintatocentrismo gerativo. A nova forma de conceber o léxico, antiga residência dos *fora da lei*, proposta por Jackendoff, aponta na direção de proposições fundamentais da AC, como, por exemplo, a indistinção entre léxico e sintaxe, e a regularidade, mesmo no nível da palavra de uma organização não aleatória, não idiossincrática, que à semelhança da gramática, e em continuidade com ela, possui regras de geração de seus constituintes, regras “generosas” (nos termos de Salomão, 2004: 13) que permitem acomodar unidades e configurações construcionais de tamanhos diversos.

Além disso, outra razão nos levou a decidir por apresentar a revisão de Jackendoff: a possibilidade de observar e discutir um pouco mais a terminologia metalinguística para as unidades lexicais que vimos, ocasionalmente, destacando. O linguista anuncia sua opção pela terminologia *item lexical*, no lugar de *palavra*, embora reconheça que há na teoria linguística, na filosofia, e, também no entendimento popular da linguagem, uma concepção estereotipada de que as unidades da linguagem que armazenamos na memória são *palavras*.

Para explicar melhor a distinção e sustentar sua opção pelo termo *item lexical*, afirma que optará pelo termo exclusivamente para denotar um item estocado no *lexicon*<sup>26</sup>, i.e., na memória de longo prazo, e reservará o termo

---

<sup>26</sup> Sobre o *lexicon* Jackendoff esclarece que Chomsky, em *Aspects*, introduziu o termo para significar o repositório de todas as palavras que o falante sabe e que este deve conter todas as unidades excepcionais, todos os traços imprevisíveis da linguagem, e que, mais tarde, Chomsky estipula, sem argumentação, que o *lexicon* deve conter apenas traços imprevisíveis da linguagem, ou seja, nele não haverá regras de redundância. Sobre essa última concepção Jackendoff poderá que nesses termos Chomsky desvia-se da realidade psicológica da linguagem, pois para Jackendoff, não há razão alguma para se crer que o cérebro armazenaria informação sem redundância. (p. 153)

*palavra* para uma noção bem diferente, baseada em uma teoria gramatical<sup>27</sup>. Como apontada em Lakoff 1999, na seção 3.5.3, a flutuação terminológica em Jackendoff (2002) faz ver uma tendência semelhante para a utilização do termo item lexical como escolha terminológica que de alguma forma sugere maior estabilidade ou precisão ao conceito de unidade linguística.

O alinhamento da revisão de Jackendoff a alguns postulados da GC ocorre principalmente, nos capítulos 5, destinado a examinar o papel da sintaxe, intitulado “The parallel architecture”, e no capítulo 6, “Lexical storage versus on line construction” (*Architectural foundations*, 2002), onde Jackendoff estipula, de forma muito interessante e elucidativa, teses que em geral se contrapõem ao sintatocentrismo gerativista e propõe para o léxico, o que Salomão (2004: 13 e 14), como já dissemos, passa a denominar como uma concepção “mais generosa do léxico”. Tal concepção alinha-se aos pressupostos da GC que integram a Hipótese Sociocognitiva (Salomão, 1999, 2002, 2004) adotada em minha dissertação de mestrado, na medida em que afirma existirem múltiplas fontes geradoras da gramática que podem se estender além do nível sintático aos níveis morfológico, semântico conceptual, e que de modo contínuo e paralelo trabalham na geração do *item lexical*. É digno de registro o fato de que nessa geração do *item lexical* o linguista não inclui o nível pragmático, absolutamente essencial em nossa concepção de linguagem e em nossa proposição da geração da forma gramatical, aspecto que nos afasta consideravelmente dessa forma de ver a linguagem.

Resumo, abaixo, as reflexões e proposições de Jackendoff (2002: pp 130 – 138, 152 – 195), seguindo, com alguma variação, a seleção feita por Salomão (2004), para informar a chamada “visão mais generosa do léxico”:

- (i) Os itens lexicais podem ser maiores ou menores do que as palavras gramaticais: itens lexicais podem ser afixos (que, em línguas aglutinantes como o Turco ou o Navajo, compõem complexos morfossintáticos, traduzíveis como sintagmas, ou mesmo sentenças, em línguas como o Português); itens lexicais podem ser

---

<sup>27</sup> Como exemplos de palavra baseada em uma teoria gramatical o autor cita, a palavra fonológica – aquela que é definida por restrições segmentais e fonológicas, e a palavra sintática – aquela que ocupa a posição Xo (nódulo terminal da teoria X-Barra, Quadro teórico da Gramática Gerativa de Chomsky, versão *Princípios e Parâmetros* (1981, 1986 a e b, 1989).

expressões idiomáticas como *jogar lenha na fogueira*, *contar caso*, fórmulas interacionais como *pois não*, marcadores discursivos como *de todo modo*.

- (ii) Nem todas as *palavras gramaticais* são itens lexicais: palavras gramaticais constituintes de expressões idiomáticas não serão necessariamente registradas como itens lexicais, mas sem dúvida, é necessário diferenciar muito em *Muito obrigado*, *que pode tornar-se MUITÍSSIMO obrigado*, e *toda em de toda forma* que é realmente invariável.
- (iii) Há itens lexicais complexos que não contêm material fonológico. Há construções que contêm apenas um “esqueleto sintático” associado a um significado. (p. 176) (Seria o caso, por exemplo, do esquema sintático semântico das construções de estrutura argumental estudadas por Goldberg 1995, do tipo *Construção Ditransitiva X CAUSA Y RECEBER Z*, que equivale ao esquema sintático *Suj V Obj Obj*, entre outras citadas pela linguista (1995: 3, 4).
- (iv) Aprofundando essa nova concepção do léxico é possível chegar a uma proposição que reverte a concepção padrão da teoria gramatical; será razoável afirmar que a maior parte do que foi previamente chamado de “regras de gramática”, pode ser chamado, também, de item lexical, e que o léxico, antes a casa dos “fora-da-lei”, ou o lugar das idiossincrasias, passa a ser reconhecido como mais um módulo regulado por princípios.

Esperamos ter aqui demonstrado a notória penetração das noções e postulados construcionistas, nas reflexões de um linguista de filiação gerativa, com um memorável currículo de trabalhos prestados a esse programa investigativo, e que, ao que parece, começa a repensar alguns postulados clássicos desse modelo teórico, convergindo para o entendimento da centralidade de uma visão mais holística e mais integrada dos elementos da gramática.

#### 4.1.6. Como fica a categoria palavra em uma Abordagem Construcionista da linguagem?

Com relação à categoria palavra esta abordagem da linguagem permite-nos descrever a unidade *palavra* considerando-se os seguintes aspectos e características:

- (i) sendo as construções unidades simbólicas e moleculares compostas de partes menores (cf. Croft 2001) as palavras e os morfemas podem ser compreendidos como essas partes menores; contudo, eles não deixam de ser, por si mesmos, composições moleculares que reúnem informações fonéticas, semânticas, sintáticas e pragmáticas.
- (ii) palavras equacionam-se frequentemente com o termo item lexical (termo amplamente utilizado pela Gramática Gerativa). São elas que indicam, na 2ª linha do diagrama de Goldberg (1995), o predador e os participantes da cena comunicativa nas construções de estrutura argumental; são os elementos que recebem interpretação semântica e preenchem os papéis definidos pelas construções; são as unidades linguísticas que instanciam, no plano morfossintático, o resultado final da projeção e integração de um esquema conceptual à uma estrutura linguística (sintática) de que tratam os processos de Mesclagem de Mandelblit (1997) e, também, de Fauconnier e Turner (2002).
- (iii) é possível que não encontremos em todas as línguas partes do discurso como convencionalmente as concebemos – Substantivo (aquilo que denota objetos), Adjetivos (aquilo que denota propriedade, atributo), Verbo (o que denota ação); o mesmo ocorrerá para a categoria palavra; embora tradicionalmente se considerem tais categorias universais, o que uma abordagem construcional tipológica sugere é que haverá em cada língua

elementos que se relacionarão prototipicamente com tais categorias universais. (cf Croft, 2001, capítulo 2).

- (iv) pode-se afirmar, também, concordando com Goldberg 2006: 71, que, em um certo sentido, o *mistério da palavra*, mitigado a maior parte do tempo ainda tem o seu lugar.

Parece haver ainda uma imprecisão metalinguística considerável nesta teoria, especialmente no que diz respeito ao termo referente à unidade linguística em foco. A identidade da palavra, cuja problemática é mitigada nessa teoria, normalmente se confunde com noções que definem essa teoria (construção) ou a frequentam (item lexical). Contudo, vários gráficos e tabelas que tratam das configurações construcionais apresentam textualmente a categoria palavra e exemplos dela, tais como os contidos na tabela do capítulo introdutório da obra *Constructions at work* (Goldberg, 2006: 5), para exemplificar construções com variação de tamanho e complexidade, e que seguem abaixo reproduzidas.

Morfema	<i>pre-, -ing</i>
<b>Palavra</b>	<i>avocado, anaconda, and</i>
<b>Palavra Complexa</b>	<i>daredevil, shoo-in</i>
<b>Palavra Complexa (parcialmente preenchida)</b>	[N-s] (para plurais regulares)
Expressao idiomática (preenchida)	<i>going great guns, give the Devil his due</i>
Expressao idiomática (parcialmente preenchida)	<i>jog &lt;someone's&gt; memory, send &lt;someone&gt; to the cleaners</i>
Condicional Covariacional	The Xer the Yer ( <i>The more you think, the less you ...</i> )
Bitransitiva (objeto duplo)	Subj V Obj1 Obj2 ( <i>He gave her a fish taco; he baked her a muffin</i> )
Passiva	Subj aux VPpp (PPby) ( <i>the armadillo was hit by a car</i> )

Quadro 2 - Exemplos de construções de diferentes tamanhos e complexidade

Em outro momento, Goldberg (2006: 21), exemplificando os elementos internos que compõem uma Construção, esclarece que uma sentença como, por exemplo, *A dozen roses, Nina sent to her mother*, envolve onze **Construções**: (a) Construção Ditransitiva; (b) Construção de Topicalização; (c) Construção SV; (iv)

Construção SN; (v) Construção de determinante indefinido; (vi) Construção plural; e, (vii) **as Construções *dozen, rose, Nina, send, mother***. (grifo nosso)

A questão que se coloca é a da identificação e reconhecimento das fronteiras entre *Construções, Itens lexicais e Palavras*. O léxico, antigo repositório das unidades listáveis da língua, tradicionalmente conhecidas como palavras, passa a acomodar, também padrões oracionais, expressões idiomáticas parcialmente ou totalmente preenchidas, passa a conter, também, regras de geração de unidades e padrões linguísticos de diferentes tamanhos.<sup>28</sup>

#### 4.2.

#### **A Abordagem Construcionista e o linguista de *gavagai***

O tipo de linguagem descrita no relato de Quine em que o linguista se vê, sem a ajuda de intérpretes, diante do nativo de uma tribo distante da qual ele nada conhece, e que pronuncia a sequência ‘gavagai’ ao avistar um coelho, parece colocá-lo diante do que, à primeira vista, poderíamos comparar à simples função de denominação ostensiva da linguagem, e que, retomando as provocações wittgensteinianas à concepção representacionista da linguagem, poderia ser compreendida como um esquema de simples etiquetagem das coisas do mundo, no qual opera um perfeito alinhamento entre a linguagem e a realidade, ou entre a palavra e a coisa que ela substitui ou representa. Porém, seguindo reflexões de Quine, mesmo esse simples exemplo de uso descritivo da linguagem, onde apostávamos que a “função representacionista” da linguagem deveria funcionar em sua plenitude, tem grande chance de escapar à determinação e previsibilidade do sentido que habitualmente esperamos encontrar, entre as palavras e as coisas, ou entre a linguagem e o mundo de forma genérica e universal.

---

<sup>28</sup> A esse respeito, Basílio 1999, em artigo denominado *Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais*, destaca: “recentemente a crescente atenção para o fenômeno da listabilidade lexical não apenas de expressões idiomáticas, mas também de expressões regulares, coloca a questão de até que ponto seriam estas expressões parte da sintaxe ou do léxico. ( 1999: 14)

A situação crítica de tradução radical em que o linguista de Quine se encontra pode ser assim recapitulada: o linguista nada sabe da gramática ou do vocabulário daquela língua, portanto não tem acesso a estruturas linguísticas que possibilitariam a checagem de suas hipóteses; não tem o auxílio de um intérprete; não conhece os costumes, a cultura daquele povo; qualquer possibilidade de tradução poderia ser defendida – o nativo pode estar sendo supersticioso e, como naquela tribo o coelho está associado ao mau tempo, ele pode estar querendo dizer *vai chover*, ou o nativo pode estar apontando a possibilidade da caça e dizendo *vamos caçar*, pode estar apontando uma característica daquele coelho como sua cor, ou sua velocidade e, ainda, o linguista tenderá a projetar o nosso ponto de vista ontológico na linguagem nativa. Quine alerta, por fim que o que há, na verdade, é uma potencial *Indeterminação da tradução*.

A pergunta que orienta esta seção pode ser formulada da seguinte forma: O aporte descritivo que a Gramática das Construções traz para o estudo das línguas humanas, especialmente a noção gestáltica de Construção – noção matriz da unidade lingüística – facilitaria ao linguista nessa situação de tradução radical estabelecida por Quine a extração das unidades palavra na cadeia sonora ‘gavagai’?

Examinemos primeiramente o que traz em sua bagagem teórica o linguista construcionista. A Abordagem Construcionista da Gramática, o conceito de unidade lingüística e o método de análise lingüística utilizados por esse quadro teórico nos termos de Goldberg 1995 e 2006, e também Croft 1999 e 2001, serão os elementos que o linguista construcionista levará em sua bagagem teórica, para o enfrentamento do caso em tela. Estamos falando de uma visão de linguagem que endossa os seguintes pressupostos julgados importantes para a formulação de uma resposta à pergunta posta, e que seguem abaixo sintetizados:

- (i) todos os níveis da análise gramatical envolvem Construções: pareamentos de forma com função semântica ou discursiva que podem ser aprendidos, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintagmáticos parcialmente ou totalmente preenchidos. Além disso, padrões são arquivados como construções mesmo que sejam totalmente previsíveis, uma vez que ocorram com frequência suficiente. (Goldberg, 2006: 5)

- (ii) abordagens construcionistas tendem a enfatizar a semântica detalhada e a distribuição de certas palavras, morfemas gramaticais, e padrões incomuns de frase e orações se comparados com outras línguas ou dentro de sua própria língua. A hipótese por trás dessa metodologia é a de que uma explicação das restrições semânticas/pragmáticas desses padrões prontamente são estendidas a padrões mais gerais, simples e regulares. (Goldberg, 2006: 5)
- (iii) Há vários graus de esquematicidade nas construções. Há um contínuo entre expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente, tal como *as american as apple pie*, e esquemas altamente abstratos tais como *SUJ V OBI OB2*. Todas as possibilidades podem ser encontradas entre esses dois esquemas. (Croft, 1999: 64)
- (iv) Postula-se um contínuo entre o *lexicon*, que os linguistas cognitivos concebem como a palavra (the one word), unidades simbólicas totalmente especificadas do nosso conhecimento linguístico, e a *gramática* no sentido tradicional, que são unidades simbólicas esquemáticas *multi-word*. Essa forma de pensar também é típica de um linguista cognitivo, que é a forma cristalizada no slogan “everything is gradient”, “tudo é gradual”. (Croft, 1999: 65)
- (v) As construções, unidades simbólicas, são as categorias primitivas da Gramática e são específicas de cada língua (“constructions are language specific”). (Croft, 2001: 58; 59)
- (vi) A AC favorece, em detrimento do modelo componencial de organização da gramática, o estudo molecular da expressão linguística. O que nos leva a focar a forma linguística como configuração antes que como composição fregeana de elementos independentes. (Croft 2001: 47 – 62)

- (vii) A aceitação do efeito de prototipia sobre os *universais linguísticos*, fato que afeta a metalinguagem teórica e descritiva a ponto de sabermos que categorias como V, N, A, são protótipos tipológicos, convenções específicas de cada língua.
- (viii) Em uma abordagem não reducionista da gramática como é a AC as partes não têm existência fora da construção, ou das construções, das quais participam. Ou seja, as categorias sintáticas são definidas a partir das construções onde ocorrem.
- (ix) As unidades da linguagem, suas Construções, são aprendidas, emergem do uso linguístico. Sua apreensão está diretamente relacionada à frequência de uso que dela é feito.
- (x) A Construção é um todo simbólico (de forma e sentido) que, por sua vez, é composto de partes que são as *unidades simbólicas* (elementos da estrutura sintática associados a elementos da estrutura semântica – outro par forma/sentido).

Vejamos daqui em diante, por etapas, como responder à questão posta sobre a vantagem que esse linguista teria diante do enfrentamento da extração das unidades linguísticas (ou da unidade linguística) em *gavagai*.

Nossa pergunta, considerando-se toda a problemática semântica e ontológica já sublinhada por Quine, dirige-se à possibilidade teórica da Abordagem Construcionista da Gramática auxiliar com mais eficiência esse linguista a identificar as unidades desse enunciado; a identificar e extrair a(s) unidade (s) da expressão *gavagai*. Haverá nessa expressão uma única unidade ou uma composição de unidades que podem vir a participar de outros arranjos significativos?

Normalmente espera-se, como já dissemos (seção 3.6), que o trabalho de um linguista de campo, em situações regulares ou inusitadas, comece pelo reconhecimento das unidades que compõem os arranjos daquela língua, frequentemente a expectativa gira em torno de se começar pela lista dos itens que

a tradição elegeu como centrais e essenciais aos arranjos e à composicionalidade linguística: as palavras.

O processo de gramatização das línguas, como nos ensinou Auroux, conta invariavelmente com a elaboração de dois instrumentos, o dicionário e a gramática. Como ele nos indica, também, essa confecção terá como parâmetros as línguas e metalinguagens tradicionalmente hegemônicas que, via de regra, buscam encontrar nas demais línguas itens que se acomodem aos parâmetros de sua própria tradição.

Como já dissemos, poderíamos imaginar que o linguista dessa situação de tradução radical se assemelha, em uma primeira instância, ao estrangeiro de Wittgenstein, (IF 20), que não compreende nossa língua, e que ao ouvir *frequentemente* como alguém dá o comando “Traga-me uma lajota!” poderia ser de opinião de que essa série inteira de sons fosse uma palavra e que correspondesse, por exemplo, à palavra para “pedra de construção” em sua língua. Da mesma forma o nosso linguista poderia, com tranquilidade, diante da repetição do enunciado *gavagai* pelo nativo associada à presença do coelho, concluir que essa cadeia sonora sinalize uma palavra – *coelho* –, e poderíamos objetar, “o que ele está querendo dizer na verdade é a frase “olhe um coelho” (composta de três palavras), por meio da frase elíptica *gavagai*, e nesse caso recordando observação de Wittgenstein, voltaríamos ao seguinte raciocínio:

A frase não é elíptica por deixar de fora algo que queremos dizer quando a pronunciamos, mas porque é abreviada em comparação com um determinado paradigma de nossa gramática. (IF § 20).

É desse embaraço, que a Abordagem Construcionista da Gramática, irá liberar o linguista. Um dos seus grandes postulados é que as construções são específicas de cada língua, e que para capturá-las é preciso sensibilidade a essa especificidade e às práticas metalinguísticas da comunidade em exame (Croft, 2001: 58, 59) . Outro embaraço do qual o linguista construcionista será dispensado será o de procurar *dentro* de *gavagai* onde está a parte, a palavra que aponta para o coelho. Ele tem em sua bagagem a noção central de construção no lugar da noção de palavra (Goldberg, 2006: 5). Aceita e registra *gavagai* como uma construção a partir da qual ele irá aprender em que parte e em que lance do

jogo da linguagem ela é usada; aprenderá, por meio de observação e uso, seu significado e suas partes constituintes.

O linguista construcionista terá ainda outra vantagem para o enfrentamento dessa situação problema. Ele sabe que o que rege a construção de uma língua é o fato que tudo é gradual “everything is gradient” (Croft, 1999: 65), contínuo, não há, por exemplo, de um lado a unidade e do outro a gramática, que servirá para ensinar separadamente as regras operacionais daquelas unidades. Portanto, ele não se ocupará de confeccionar separadamente o estoque das unidades, o *dicionário*, e o conjunto das regras, a *gramática*. À medida que for reconhecendo e listando as construções, estará também reconhecendo e listando a maneira como seus elementos e componentes internos se relacionam e como as construções se relacionam entre si.

Cabe aqui lembrar o problema do alinhamento entre *conceito unitário* e *expressão unitária* desse conceito, já observado por Sapir há mais de seis décadas (1949), quando ele chamava a atenção para o fato de que em algumas línguas indígenas norte-americanas há, por exemplo, verbos que denotam fatos para os quais precisaríamos de uma frase inteira, ou seja, de várias unidades linguísticas, várias palavras. O linguista antecipava naquela época o fato de que as línguas têm formas diferentes de “arranjar” o significado em palavras.

Enfim, o que se depreende em termos composicionais é que uma teoria não-reducionista como a AC não endossa a ideia de unidades atomísticas como unidades primitivas da linguagem. Na Abordagem Construcionista os primitivos são as Construções. Essas, diferentemente, dos átomos linguísticos podem ser constituídas por partes menores. A análise em termos construcionais parte do todo para as partes, embora essas partes menores, sejam, também, pareamentos de forma e sentido, por definição, construções.

Essa noção favorece a abertura para o linguista construcionista pensar, sem restrições, que ‘gavagai’ poderia ser desde um morfema a uma construção de estrutura argumental como as construções das línguas polissintéticas ameríndias, Construções Transitivas agentivas regulares, Construções transitivas de ação rotineira, ou ainda, uma construção nominal do tipo N ADJ, ou simplesmente um Nome – *coelho*... dentre outras tantas possibilidades (Ferreira 2005\0).

Além disso, uma descrição de uma língua nesta teoria tratará os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos com a mesma relevância que abordará a

distribuição morfossintática dos elementos da Construção. Outro fato a ser considerado para se chegar às partes, às unidades que compõem a construção, é o fato de que a interpretação semântica e sintática dos componentes de uma construção varia de construção para construção, o que tem como consequência o entendimento de que tais partes não teriam existência independente, não existiriam fora da construção.

De qualquer forma, a questão da extração semântica, a questão do significado da expressão envolverá, conforme preconizado por Quine (1960; 1969) um problema ontológico de grande impacto...

A AC conta, para o enfrentamento desta questão, com a vantagem de ser, como esperamos ter demonstrado ao longo deste capítulo, uma teoria da Gramática que reúne qualidades importantes para lidar com esse problema, uma vez que ela coloca em relevo as questões diferenciais entre as línguas e culturas, sua tipologia e especificidade sintático-semântica, e, também, discursivo-pragmática. Os universais são tomados como referências prototípicas, o que facilitará ao linguista construcionista analisar a expressão *gavagai* sem tentar conformá-la a um padrão linguístico universal, ou mesmo a uma metalinguagem hegemônica, seja ele de Nome, Verbo, Adjetivo, *Palavra*, ou qualquer outro conceito desses candidatos a universais linguísticos.

*Gavagai*, poderia assim, em uma anotação lexicográfica inicial, sujeita a revisões, ser registrada como uma construção ou uma expressão para, por exemplo, anunciar a presença de coelhos – isso se a participação do linguista nas formas de vida da comunidade, se sua iniciação aos “hábitos da tribo” em exame – inclusive e sobretudo aos seus hábitos metalinguísticos – assim indicar ser pertinente.. Pode-se concluir que as partes integrantes da expressão, se houver, aquilo a que poderíamos chamar de palavras, é nessa teoria um conceito de contornos destacadamente imprecisos, o que ao que tudo indica, não parece constituir um problema para o quadro teórico em referência.

Afirmamos, por fim, a vantagem e o conforto que linguista construcionista terá, comparativamente com linguistas de abordagens rivais, um aporte teórico e uma perspectiva de linguagem que lhe fornecerão melhores condições para lidar de forma mais confortável com o desafio proposto.

### 4.3. Considerações finais

O que resulta dessa exposição de terminologia metalinguística dentro da GC é que o termo *construção* parece funcionar como um termo “guarda-chuva” capaz de abrigar ampla gama de variações de forma e sentido que possamos implicar à *palavra*.

Acreditamos que a noção de Construção como primitivo da análise linguística tenha atenuado consideravelmente o “problema da palavra” nos termos descritos no capítulo 3, uma vez que a perspectiva teórica mais holisticamente orientada dessa abordagem gramatical torna central a *construção*, não mais a palavra, para as pesquisas e teorizações das *partes do discurso*.

Esse enquadramento teórico acaba por subverter a centralidade do status da palavra, que perde esta posição para a noção e para a categoria da construção. Por outro lado, há a continuidade da adoção de uma perspectiva biplanar da linguagem, que, em tese, perpetua, com a proposição do pareamento de forma e sentido, presente em todos os elementos da linguagem – do morfema ao discurso, o comprometimento com a visão representacionista e imanentista do fenômeno linguístico em geral.